

4 Sociabilidade Política na

Manuel Baião

Centro de Investigação e Desenvolvimento em Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Évora

No final da I República a elite política eborense convivía em diversos locais e situações que iam desde os centros políticos, cafés, restaurantes, sociedades, tabernas, barbearias, cinema, teatro, soirées, locais de trabalho, até aos casamentos, funerais, bailes e outros momentos festivos, e como em todos os países da Europa do Sul a sociabilidade era feita também na rua, principalmente na Praça do Giraldo¹.

Os locais de convívio por excelência eram as sociedades. Estes espaços eram uma "referência para os indivíduos que quotidianamente pretendessem exercer determinadas práticas de sociabilidade: a leitura dos jornais, os jogos, - em princípio apenas os lícitos - a troca de ideias ou, mais pontualmente, as sessões musicais, os bailes, as representações e até as palestras sobre diferentes assuntos, tinham aí o seu espaço de eleição". Por outro lado, as sociedades "apareciam como espaços intermédios entre a estrita privacidade das vivências domésticas e os locais que, situando-se ou não ao ar livre, possibilitavam uma acessibilidade de menores restrições. Aqui, os requisitos morais e civis e a obrigatoriedade de pagamento de uma quota, coadjuvavam-se e contribuíam para impor uma certa selectividade em relação à admissão de novos elementos"².

A elite republicana de vários quadrantes políticos reunia-se na *Sociedade Harmonia Eborense*. Esta sociedade foi fundada em 23 de Abril de 1849 e tinha a sua sede no coração da cidade, a Praça do Giraldo. A *Sociedade Harmonia Eborense* tinha uma longa tradição de representações teatrais, embora no final da I República tivesse em decadência esta actividade cultural nesta sociedade. Era um local onde se podia beber, ler um jornal ou um livro na sua biblioteca, jogar bilhar, cartas, por vezes a dinheiro, o que era denunciado pela imprensa local. Eram também muito famosos os seus bailes em datas festivas. Uma das festas mais famosas realizada neste período era a distribuição de dois valiosos prémios conferidos aos filhos dos sócios que melhor classificação obtivessem respectivamente nos exames de admissão ao Liceu e à Escola Primária Superior. A *Terra Alentejana* fez uma descrição desta sociedade ao relatar a entrega de prémio que decorreu no dia 23 de Abril de 1926³. Este semanário felicitou os sócios e a gerência desta sociedade, pois, o "seu Club é sem dúvida o primeiro na capital do Alentejo"⁴. Frequentavam habitualmente esta sociedade o deputado democrático Manuel Fragoso, o nacionalista e presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Évora em 1926 Dr. Domingos Rosado e o Governador Civil de Évora após o «28 de Maio» Dr. Máximo Homem de Campos Rodrigues. Estes dois últimos políticos chegaram a fazer parte da direcção desta sociedade⁵.

A *Sociedade Católicas Eborense*, muito conhecida pela "bota-raísa", era frequentada especialmente por lavradores, comerciantes e militares de cariz conservador, particularmente católicos, nacionalistas e monárquicos⁶. A sociabilidade realizava-se em torno de alguma bebida ou jogo, como era usual em todas as sociedades. Era, no entanto, habitual realizarem-se concertos de música clássica⁷ e bailes.

A associação *Círculo Eborense* fundada em 1837, era a sociedade mais antiga e de maior prestígio social da cidade de Évora. Era frequentada durante a Monarquia por "um grupo de indivíduos que detinha o poder económico, quase o monopólio do poder político-administrativo - pelo menos no plano local - e o grande dinamizador de iniciativas ligadas à beneficência e às questões de ordem cultural e intelectual, auferindo daí um acrescido prestígio social"⁸. Durante a República os seus sócios perderam o monopólio de poder político-administrativo para outras sociedades de cariz republicano, como era o caso da *Sociedade Harmonia Eborense*. No entanto, na fase final da República com a subida ao poder municipal de vereações «republicanas» conservadoras e particularmente após o movimento do 28 de Maio alguns sócios voltaram a ocupar lugares importantes na administração política local⁹: o médico Máximo Homem de Campos Rodrigues da comissão distrital da U.I.E. tornou-se o Governador Civil de Évora após o «28 de Maio»; o tenente Luís de Camões, o proprietário José Eduardo de Calça e Pina da Câmara Manuel e o médico Manuel Lopes Marçal foram nomeados para a Junta Geral do Distrito após o «28 de Maio». Esta sociedade esteve sempre conotada durante a República com a Monarquia, dado que era frequentada pelas famílias eborenses de maior prestígio social e económico que tinham ocupado a quase totalidade dos cargos político-administrativos durante a Monarquia. Na fase final da República o *Círculo Eborense* era frequentado principalmente por membros monárquicos, da União dos Interesses Económicos e do Centro Católico Português¹⁰. O perfil sócio-profissional não deve ter sofrido alterações face ao final da Monarquia, continuando a predominar os proprietários e os militares¹¹.

Os operários e trabalhadores rurais tinham também as seus locais de convívio. A *Sociedade Mocidade Eborense* era um local de convivência de operários de tendência anarquista. Realizavam espectáculos teatrais, variedades e bailes. Participavam ainda em algumas actividades com os partidos da esquerda republicana, como romagens ao cemitério para enaltecer algumas figuras republicanas¹².

A *Sociedade Operária Joaquim António de Aguiar* era a mais activa sociedade operária de Évora. Ligada aos sindicatos e associações de classe operárias da cidade, desenvolvia diversas actividades culturais. Eram famosos os teatros, os bailes e os espectáculos que se realizavam nesta sociedade. Era frequentada especialmente por operários de tendência anarquista e comunista¹³.

Outros locais de convívio à volta de alguma bebida eram os Cafés. Estes espaços estavam "orientados para a convivialidade consubstanciada através da conversação, da leitura de periódicos e do jogo: possibilitavam uma

sociabilidade fluida - diária ou eventual -, espontânea e informal"¹⁴. A Brasserie, considerado um dos melhores cafés de Évora, era um local de convívio de democráticos, mas também de monárquicos¹⁵. O Café Camões, situado na rua Elias Garcia n.º 7 a 13, pertencia ao democrático Leopoldo Alfredo que aderiu à dissidência da Esquerda Democrática no Verão de 1925. Este café era conhecido pela diversidade dos vinhos generosos, aguardientes, licores e refrescos que servia aos seus clientes. Podia-se também comer no restaurante até às duas horas da madrugada. Era frequentado especialmente por democráticos e depois da dissidência, por esquerdistas¹⁶. O Café Giraldo, considerado a «brasileira de Évora» era também particularmente frequentado pelos democráticos¹⁷.

As barbearias eram um espaço dedicado não só ao corte de cabelo e barba, como também à discussão de todo tipo de notícias ou boatos. Era habitual os homens irem passar uns momentos na barbearia, mesmo não necessitando dos seus serviços, apenas para conversar. Um jornalista da *Democracia do Sul* referiu que procurando boatos e notícias sobre o golpe militar de 18 de Abril de 1925 dirigiu-se ao barbeiro depois de ter estado na Praça do Giraldo¹⁸.

Os engraxadores eram geralmente homens sempre bem informados de todas as novidades da cidade. A sua volta discutia-se todo tipo de assuntos, incluindo obviamente política¹⁹.

O teatro era outro espaço de sociabilidade da sociedade eborense. "Os critérios de admissão não eram tão fortes e selectivos como em relação às soirées ou até às associações e relacionavam-se, antes de mais, com disponibilidades financeiras e de consumo não produtivo do tempo"²⁰. Para além dos teatros realizados por grupos amadores nas sociedades atrás referidas, realizavam-se numerosos espectáculos no Teatro Garcia de Resende por grupos profissionais vindos habitualmente de Lisboa. Neste teatro realizavam-se ainda espectáculos musicais, bailados e sessões de natureza política. O Teatro Garcia de Resende era frequentado pela elite social da cidade²¹.

O cinema era um local privilegiado para o convívio de quase toda a população da cidade. Existiam dois cinematógrafos na cidade com várias sessões semanais. Os preços do cinema eram muito diferenciados consoante o local onde ficavam os lugares, o que permitia que quase todos os grupos sociais pudessem frequentar o cinema²². O *Salão Central Eborense* era "um elegante e confortável cine-teatro, cuidadosa e artisticamente adaptado à cinematografia"²³. Segundo *O Democrático* era um "ponto de reunião da nossa primeira sociedade"²⁴. Realizavam-se neste salão concertos de música clássica, sendo os filmes acompanhados por um sexteto²⁵. O *Edem Teatro* considerado mais "popular"²⁶, era outro local onde se podia ver filmes em Évora. Pertencia ao empresário Carlos Pires da Fonseca que aderiu ao Partido Republicano Nacionalista em Maio de 1923²⁸.

As corridas de touros eram também um local de encontro de várias classes sociais, embora situadas na praça em locais diferenciados²⁹. As corridas de touros, especialmente sempre que se falava na possibilidade de haver touros de morte, tinham forte resistência por parte de alguns grupos operários anarquistas e das forças políticas esquerdistas da cidade³⁰. Pelo contrário, as famílias tradicionais de proprietários, ligados aos partidos republicanos da direita e aos monárquicos eram fortemente favoráveis a este tipo de espectáculos³¹.

Na década de vinte os centros partidários representavam o espaço ideal de doutrinação e de convívio dos militantes dos múltiplos partidos. A existência destes locais são uma prova do grau de organização e dinâmica dos partidos nas várias regiões. Évora dispunha de vários espaços com este fim, o que demonstra que era uma cidade fortemente politizada.

O *Centro Republicano Democrático* de Évora era o local privilegiado de sociabilidade dos democráticos eborenses. Este Centro foi fundado em finais de 1906 e inaugurado em 17 de Fevereiro de 1907³². No final da República de 1906 e inaugurado na rua 31 de Janeiro, estando aberto para os seus sócios situava-se na rua 31 de Janeiro, estando aberto para os seus sócios habitualmente a partir das 20 horas. Para além, das reuniões e sessões de natureza política que decorriam normalmente nesse local, os sócios podiam conviver, dançando em dias de baile, bebendo alguma bebida, jogando às cartas ou ouvindo o rádio através de um aparelho de T.S.F. instalado numa das salas desde Janeiro de 1926³³. Este Centro aderiu à dissidência da Esquerda Democrática, já que grande parte dos seus membros e dirigentes foram irradiados do Partido Democrático em Agosto de 1925. No entanto, permaneceu com o mesmo nome até ao dia 7 de Maio de 1926 em que foi alterado para *Centro Republicano da Esquerda Democrática* - Dr. Jorge Barros Capinha³⁴.

A nova Comissão Municipal do P.R.P. designada pelo directorio formou um novo centro político na cidade de Évora em Agosto de 1925. O ressurcido *Centro Dr. Evanista Cutileiro*, ficou instalado provisoriamente numa casa da travessa do Cavaco. A nova comissão municipal teve um trabalho bastante espinhoso, dado que a maior parte do eleitorado e da elite política democrática acompanhou a dissidência esquerdistas. Por outro lado, esta comissão deixou de possuir um órgão de informação (*O Democrático*) e teve de iniciar o seu trabalho sem qualquer base de apoio anterior, já que o antigo centro democrático e toda sua documentação ficou sob a gestão dos «canhotos»³⁵.

As comissões políticas do Partido Republicano Radical criaram uma estrutura partidária mais sólida a partir de 1925, o que lhe permitiu inaugurar oficialmente no dia 24 de Agosto de 1925 o seu centro político com uma sessão solene em que estiveram presentes alguns membros da Comissão Distrital de Lisboa do P.R.R.³⁶. No *Centro Republicano Radical* desenvolvia-se para além das reuniões partidárias, intensa propaganda antiliberal com a presença de dirigentes sindicais e de membros do P.C.P.³⁷. O seu centro situado na rua do Raimundo, n.º 99, 1.º andar, não satisfazia plenamente os objectivos do P.R.R., razão pelo qual a assembleia geral do centro votou "arrendar nova casa compatível com os recursos do Centro"³⁸ em Maio de 1926.

Os reconstituídos e os liberais acordaram em 27 de Fevereiro de 1923 numa reunião conjunta realizada no antigo centro político do P.R.R.N. de Évora a extinção dos dois partidos e a organização do Partido Republicano Nacionalista no concelho e no distrito. Por proposta do Dr. Manuel Sereto Moniz o novo centro político denominou-se - *Centro Republicano Nacionalista Eborense*. Este centro instalou-se no espaço da antiga sede reconstituída, situada na rua Serpa Pinto n.º 9, 1.º. A partir deste dia iniciaram-se os preparativos para a eleição dos corpos gerentes do *Centro*



Praça do Giraldo - o principal local de convívio ao ar livre

